

## EDITORIAL

# GENEALOGIA DO DESMONTE

As universidades europeias medievais, no contexto do renascimento do século XII, deram origem a modelos que perduram até hoje. Trata-se do lugar da pesquisa e produção do saber envolvido num complexo e vigoroso debate com polêmicas, em particular as que envolviam o poder da realeza e o eclesiástico.

Os primeiros cursos universitários na Europa centravam no estudo do direito, medicina e teologia, a partir do estudo das artes preparatórias (liberais) do trivium (gramática, retórica e lógica) e do quadrivium (aritmética, geometria, música e astronomia). Essas universidades medievais estavam numa disputa acadêmica entre o pensamento teológico e antropológico, em que o espírito dos homens se tornaria a mais alta virtude (*virtú*).

As universidades foram uma evolução de escolas (*ex consuetudine*), escolas-catedrais fundadas por autoridades responsáveis por estruturar ambientes de ensino superior. Já as fundadas por reis ou papas assumiram o status de universidades *ex privilegium*. E

aquelas universidades que recebiam a chancela da igreja católica tinham o título de *Studium Generale* – reconhecidas como ambientes de instituto de excelência internacional.

No século XVIII, tem início a tarefa de organizar o conhecimento com caráter de uma ordem enciclopédica para sistematizar o vasto labirinto das ciências e artes como metáfora para pensar uma espécie de mapa-mundi do conhecimento.

A enciclopédia partia de uma visão panóptica capaz de guiar o jogo labiríntico das disciplinas do conhecimento humano e suas ligações e afastamentos, suas passagens secretas nesses caminhos, que atravessam e unem uma árvore de conhecimentos humanos.

O labirinto do mundo tornou-se o labirinto das ciências e das artes, capaz de criar uma nomenclatura obscura de cada ciência em particular, que começa a inventar para si própria uma complexidade de terminologias, instrumentos repletos de máquinas e manobras. A questão epistemológica encontrava-se na metá-

fora barroca do labirinto como sistema geral das ciências e das artes, que revelava um caminho tortuoso para os espíritos que se envolviam sem conhecer a direção que deveriam tomar. As ciências eram grupos diferentes e desunidos; por isso, o projeto enciclopédico da árvore do conhecimento tratou de organizar o mundo de forma cartesiana inspirada num modelo de árvore de conhecimento de Francis Bacon (pragmatismo) e posteriormente do projeto iluminista da enciclopédia.

Para inventar essa nova ordem dos saberes, deveria reduzir a heterogeneidade humana a sina de fragmentar e tornar imprecisa a ordem cartográfica dos saberes, transformando, assim, o homem no sujeito dos seus próprios saberes e no objeto último de todas as ciências. Em outras palavras, Lessing (1780) dirá “o mais nobre objeto de estudo para o homem é o homem”. Por isso, as principais faculdades humanas devem subordinar-se e reunir os mais variáveis saberes das ciências humanas pois é o ho-

mem a unidade sistêmica de todo conhecimento humano.

Entre as faculdades humanas, destacam-se saberes da memória, razão e imaginação. Portanto, as divisões e subdivisões do conhecimento disciplinar devem ser correspondentes a cada faculdade humana, para garantir que o “progresso” científico tenha profusão nas descobertas e invenções de novos ofícios que garantam uma exuberância criativa, em sintonia com uma capacidade cognitiva rigorosa. Esse é o primado da divisão dos saberes na universidade e em suas áreas de conhecimento que organizam as atuais faculdades, departamentos e coordenações de cursos.

Essa composição acadêmica e pedagógica traz a mesma genealogia da polêmica de compreensão entre gestão e projeto de universidade. Nos últimos anos, o projeto FUNDESP para a PUC- SP condicionou uma redução brusca de seu quadro discente, saímos de um universo de 22.000 alunos para cerca de 15.000 alunos. Essa regressão ameaça

continua na próxima página

**PROFESSOR**  
**ASSOCIE-SE À**  
**APROPUC**

**FUNCIONÁRIO**  
**Fortaleça sua entidade!**

**Associe-se**  
**à AFAPUC**

continuação da página anterior

o caráter educacional desta universidade, pois a existência de cursos superavitários, em descompasso com cursos precarizados, faz com que ocorra uma luta cotidiana pela sobrevivência de algumas unidades acadêmicas. O impacto direto dessa diminuição foi a redução da jornada de trabalho dos professores, que para sobreviverem reduziram os seus contratos em sua maioria a TP-10, o que torna inviável o sonho da pesquisa acadêmica. Essa precarização faz com que se confunda o departamento com os seus cursos, pois não há como dissociar o caminho pedagógico do administrativo. Para superar essa querela epistemológica, só nos resta uma política de crescimento do corpo docente, com realinhamento do valor das mensalidades, e novas políticas de bolsas de integração da comunidade estudantil.

O debate sobre o fim do departamento anula uma instância de reflexão político-pedagógica de gestão dos cursos, pois o zelo cotidiano somente pode se confi-

gar quando existem condições reais de viabilizar a separação entre departamento e curso.

No atual quadro da universidade, nas faculdades de Direito, FEA, Saúde e Faficla existem algumas ilhas de prosperidade. No caso específico da Faficla, o Curso de Jornalismo possui 55 professores em que somente 23 são do Departamento de Jornalismo. Nesse contexto, existe uma separação entre curso e departamento, pois o departamento assume o papel político educacional de garantir os direitos trabalhistas dos docentes, o alinhamento das diretrizes curriculares do MEC com o cotidiano do curso e a gestão acadêmica dos planos de carreira. A Coordenação do Curso assume o papel pedagógico de viabilidade cotidiana das diretrizes curriculares do curso, situação que só pode ser possível por existir uma demanda real de alunos que garanta e viabilize os contratos do corpo docente.

Nos cursos que estão fora desta situação por se encontrarem precarizados na demanda de corpo docente, os contratos de trabalho docente espelham os

números reduzidos de turmas e turnos, situação em que a lógica da sobrevivência impõe um enlaçamento do departamento ao curso. Portanto, o fim do departamento já acontece cotidianamente nessa política de tornar essa universidade cada vez mais restrita ao acesso estudantil. Esse é o nó górdio. Por isso o debate epistêmico sobre os departamentos e cursos fora desse contexto torna-se algo fantasioso e perverso, pois inviabilizam consideravelmente os departamentos existentes no atual quadro da PUC SP.

A perversidade desta proposta de fim do departamento faz parte de um modelo de gestão de universidades privadas em que as instâncias político-pedagógicas são inexistentes, restando somente a lógica de uma certa eficácia pedagógica em que os coordenadores são turbinados de responsabilidades administrativas e pedagógicas, tornando-se assim gestores, em que a educação se tornou somente um negócio. O business da educação.

Portanto, o fim do departamento e a aglutinação de diversos departamentos

em um único departamento, torna-se uma ruptura do legado desta universidade, que assume um protagonismo político-pedagógico diante do célere avanço do pensamento conservador e retrógrado que tanto ameaça a democracia brasileira. Não podemos recuar, pois esse discurso de desmonte dos departamentos e consequentemente, de cursos ressoa o imaginário discursivo da atual gestão do ministério da educação, que defende o fim das áreas de humanidades.

Um ministério apologista da ignorância, mascarado pelo discurso da eficácia dos gastos públicos, que defende que somente as áreas de negócio e tecnologia podem existir como representantes de um pensamento acadêmico. Paradoxalmente, o desmonte da PUC com o fim dos departamentos existentes reverbera o discurso do atual ministro da educação, que defende o fim da filosofia, sociologia, história, letras, e demais áreas de humanidades.

Reafirmamos, portanto, que Educação não é negócio. Educação é Luta!

*Diretoria da APROPUC*

## Cine-Debate da APG fala sobre educação

Na terça-feira, 18/06, na sala 310, aconteceu o primeiro cine-debate da APG.

A estreia teve como tema de discussão "Educação e Barbárie" onde o filme "A revolução da escola: 1918-1939" foi escolhido pelo debatedor Prof. Dr. Mauro Peron. "A temática educação e barbárie é um tema atual, ela acaba dialogando com esse contexto tão brutal que vivemos no Brasil. Mas é de uma delicadeza esse

debate porque ao me ver há uma articulação com todas as áreas do saber, com nossas profissões, com os nossos trabalhos e nossas vidas cotidianas. E há a forma pela qual o cinema entra como uma forma de debate numa certa frente", disse o Professor Mauro Peron.

O filme retrata a pedagogia europeia depois da Primeira Guerra Mundial, onde pensadores como Maria Montessori, Ovi-

de Decrooly e Celestin Freinet estavam à procura de um processo revolucionário na educação

enfrentando as agruras do fascismo que se instaurava na Europa naquela época.



Professor Mauro Peron (ao fundo) durante o evento da APG

**PUCViva**

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Sthefane Mattos

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e

Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Jason Tadeu Borba, Victoria C. Weischtordt, Nalcir Antonio Ferreira Jr. e Maria Helena Gonçalves Soares Borges

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Ministro Godoy 1055 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8208 - Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br - PUCViva na Internet: www.apropucsp.org.br

## FALA COMUNIDADE

# A quem interessa a extinção do Departamento de Jornalismo?

Em seus mais de 40 anos de existência o Departamento de Jornalismo vem demonstrando uma postura crítica e sempre voltada ao enriquecimento pedagógico do curso a que ele presta prioritariamente serviço, à Faficla e à Pontifícia Universidade Católica. Estivemos sempre presentes nos principais desdobramentos políticos da universidade e do país, por entendermos que um jornalismo crítico não se faz sem a participação efetiva dos docentes nas manifestações da sociedade e da universidade.

Por outro lado, nossa relação com o curso tem sido uma das mais originais dentro do contexto da universidade, não se limitando a seguir à risca o que diz o estatuto, mas buscando uma participação efetiva dentro das políticas didático-pedagógicas. cremos que essa postura tem sido um dos fatores fundamentais para que a procura pelo curso de Jornalismo, ao longo destas décadas, tenha sido uma das maiores da universidade (e a maior da Faficla), com um índice de evasão pequeno comparado aos níveis da PUC-SP. Todo esse esforço converge para formação de profissionais críticos e competentes, o que nos coloca no ranking dos melhores cursos do país.

Em sintonia com as liberações da Unesco, organismo das Nações Unidas responsável por defender e divulgar a liberdade de expressão, acesso à informação e ao conhecimento, que

propôs em dezembro de 2005, uma nova diretriz para o ensino do jornalismo em todo o mundo, pois compreendia que o jornalismo atua como guardião do interesse público, capaz de equilibrar o jogo político democrático. Ao disseminar informações verídicas aos cidadãos, o jornalismo contribui para a participação cidadã no desenvolvimento e for-

defesa de um jornalismo crítico e cidadão. Tudo isso foi fruto de uma organização político-pedagógica do departamento de jornalismo. Eis o sentido profundo do zelo de uma política educacional cotidiana, alicerçada nos pressupostos pedagógicos democráticos, de uma instância capaz de superar os elos frágeis da burocracia acadêmica.

Porém não foi esse o

que a diferenciava da área da Comunicação tal qual ela é definida estruturalmente. Essa reivindicação foi conseguida em parte quando em 2013 o MEC aprovou as diretrizes curriculares de Jornalismo. Hoje o estudante de Jornalismo, em sua formatura, recebe um diploma de bacharel em Jornalismo, e não em Ciências da Comunicação como era praticado até 2013.

Mais do que isso, a decisão do Conselho da Faficla revela um total desrespeito aos professores alocados no atual Departamento de Jornalismo que, por unanimidade, decidiram em suas reuniões continuar como um departamento autônomo, pois este departamento preencheria fatalmente aos requisitos propostos pelo novo Estatuto.

A adoção de critérios burocráticos que se sobrepõem às peculiaridades políticas, pedagógicas e estruturais que temos vivenciado nestas décadas, constitui um duro golpe na liberdade de expressão e organização que sempre predominaram nesta universidade e fizeram dela um modelo a ser seguido em todo o país.

Essa atitude revela mais uma vez a faceta daquilo que o grande docente desta casa, Maurício Tragtenberg, definia como uma universidade operando sob uma relação burocrática e quantitativa, tentando se justificar por si mesma, descolada da realidade social.

**Professores do Departamento de Jornalismo**

**“ A adoção de critérios burocráticos que se sobrepõem às peculiaridades políticas, pedagógicas e estruturais que temos vivenciado nestas décadas, constitui um duro golpe na liberdade de expressão e organização que sempre predominaram nesta universidade e fizeram dela um modelo a ser seguido em todo o país. ”**

talecimento dos mecanismos de feed back e responsabilização. Tornando assim, os cidadãos protagonistas para exercer e usufruir sua cidadania, visto que o jornalismo bem qualificado garante um equilíbrio do jogo político frente ao movimento antidemocrático, imposto pelos grupos de ultradireita no mundo. Por isso fortalecer o jornalismo é garantir uma consciência democrática na sociedade. Diante desse quadro, o curso de Jornalismo da PUC-SP realizou uma reforma curricular em que incluiu em seu programa o debate sobre fake news e desinformação, gênero, a linguagem das novas mídias, defesa dos direitos humanos, e de forma peremptória e irresoluta a

entendimento da maioria do Conselho Departamental da Faficla que, no dia 12/6, discutindo a nova configuração da faculdade em função do estatuto em vigor, deliberou pela formação de um grande departamento de Comunicação onde estariam alocados os professores de Jornalismo.

Longe de desprezarmos a companhia auspiciosa dos colegas que trabalham com Comunicação na Faficla, gostaríamos de continuar mantendo nossa identidade com o Jornalismo, de uma maneira autônoma e não diluídos em um departamento maior. Os professores e estudantes de jornalismo lutaram nas últimas décadas para criar uma identidade própria para nossa atividade,

# ROLA NA RAMPA

## PUC-SP participa da Greve Geral

Professores, funcionários e estudantes da PUC-SP paralisaram suas atividades na sexta-feira, 14/6 e participaram da Greve Geral organizada pelas Centrais Sindicais.

Os três setores foram até à Avenida Paulista onde se concentraram os manifestantes de São Paulo. Pouco antes da manifestação, no vão livre do MASP, aconteceu a aula pública ministrada por estudantes da APG e professores da APROPUC e USP, com o tema "Educação não é moeda de troca: universidade contra a reforma da previdência".

O esquentado do ato da greve geral contou com a participação, Fábio Tamizari (EHPS-PUC), Katya Braghini (EHPS-PUC) e Urbano Nobre (APROPUC). A educação passa por uma grande crise no governo de Bolsonaro com ataques

aos direitos. A desqualificação da educação, ataques à autonomia das universidades onde os cortes de verbas foram os primeiros passos a fim de provocar um desmonte da educação.

"Eles estão precarizando a educação, as universidades, a formação porque dentro desse mundo do trabalho em que as operações técnicas começaram a se substituir por uma mecanização, os trabalhadores são colocados em escanteio", disse o professor Urbano Nobre, da APROPUC.

A repressão da população mobilizada é hoje uma realidade cotidiana. E é por isso que as questões da educação, o mundo do trabalho e a aposentadoria precisam cada vez mais ganhar o espaço das ruas para que repercutam por todo o país.



A PUC-SP na greve geral: acima a faixa da APG; no destaque professor Urbano Nobre faz sua intervenção na aula pública

**Convite**

Lançamento do livro:

**LEITURAS EM PESQUISA QUALITATIVA**  
São Paulo: Livraria da Física. Bicudo, Maria Aparecida Viggiani & Costa, Antonio Pedro (orgs). 2019; 440 p.

- Dia 27 de junho de 2019, das 16h30 às 18h00 -

O livro é uma realização da SE&PQ e traz, em seus capítulos, os autores das conferências proferidas no V SIPEQ, em maio de 2018, que retomaram seus temas e escreveram novos textos. Abrange a pesquisa qualitativa em suas várias vertentes e nas diferentes áreas do conhecimento.

Local: APROPUC, Rua Bartira nº. 407, Perdizes, São Paulo - CEP 05009-000 - Fone: (11) 3872-2685

## Última semana para entrega de artigos para as revistas da APROPUC



A Apropuc está retomando a publicação de suas revistas temáticas, agora em plataforma virtuais. A Revista PUCviva deverá ter como tema "A Crise na educação" e a revista Cultura Crítica abordará Cultura no Fascismo. O prazo para a entrega dos artigos foi prorrogado para 30/06. Ambas as revistas possuem QUALIS. A Revista PUCviva tem a qualificação "C" para área de Ciência Política e Relações Internacionais, História e Serviço Social; já para a área interdisciplinar ela tem a classificação B5. A Revista Cultura Crítica possui a classificação "C" para a área de História

e "B4" para a área de Linguística e Literatura.

O novo formato da revista permitirá também que as colaborações, além do tradicional formato do artigo, possam vir na forma de ensaios fotográficos, documentários, crônicas, prosa e poesia ou ilustrações. As colaborações deverão ser enviados até 30/06 para a APROPUC ou pelo endereço eletrônico: [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br). Os artigos para ambas as publicações deverão ter no máximo 14.000 caracteres com espaço. Ambas as revistas possuem ISSN o que permitirá aos autores a inclusão do mesmo em seus currículos.

